

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS – HABILITAÇÃO EM ESPANHOL

LÍVIA MARIA ALBUQUERQUE DOS SANTOS

ATIVIDADES ORIENTADAS: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

AQUIDAUANA
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS – HABILITAÇÃO EM ESPANHOL

ATIVIDADES ORIENTADAS: ESTUDOS LINGUÍSTICOS
ESTUDO DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS

ACADÊMICA: LÍVIA MARIA ALBUQUERQUE DOS SANTOS

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CRISTIANE SCHMIDT

AQUIDAUANA
2024

Este presente texto sobre o “Estudo das Teorias Linguísticas”, parte do entendimento de que as teorias são:

Teorias linguísticas que funcionam como uma espécie de modelo, tentativa de descrever e explicar a língua(gem). Uma empreitada quase que homérica de, mediante muitos trabalhos, explicitar aquilo que é mais próprio da humanidade. Ao mesmo tempo, não se pode ter a pretensão de pensar que o modelo é o próprio objeto (Carvalho; Barbosa, 2021, p. 30).

Incluindo também um dos grandes estudiosos linguistas e considerado como pai da linguística, Ferdinand de Saussure, o qual elaborou ideias sobre estruturas linguísticas, que foram publicadas após seu falecimento, sob o título *Curso de Linguística Geral* (1916), uma obra resultante de anotações feitas por seus alunos ao longo de alguns anos.

Destacando sua importância para o surgimento da escola denominada Estruturalismo, uma área que acarreta informações importantíssimas para a fundamentação da linguística, que serviu de base para todas as outras áreas quem estudam a fundo o sistema linguista, cujas pesquisas e estudos que influenciaram fortemente os estudos desenvolvidos nessa área ao longo das primeiras décadas do século XX, onde até os tempos atuais continuam sendo alvo de estudos e pesquisas.

A primeira proposição de Saussure é definir os limites da disciplina Linguística. De acordo com esse pesquisador, a Linguística deve:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria (Saussure, 1995, p. 13).

Compreendemos à declaração acima que, “Saussure atribui à Linguística a tarefa de descrever os sistemas linguísticos – num plano sincrônico – e também a de fazer a história destes. Essa disciplina deve ter como objeto de estudo a língua, pois “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 1995, p. 16).

Com base nessa informação, de que a língua é uma entidade menos abrangente que a linguagem e nesta está contida, de fato o objeto de estudo deve ser

delimitado, e assim buscando informações mais objetivas, assim fazendo como um sistema autônomo. Como assim diz o estudioso Saussure:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (Saussure, 1995, p. 17).

A língua é concebida como um sistema autônomo que “conhece somente sua ordem própria” (Saussure, 1995, p. 32), ou seja, “uma ordem Estruturalismo Linguístico interior nas coisas que concernem à linguagem” (Saussure, 1995, p. 66) e deve ser “considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 1995, p. 271), o que deve ser o objeto de estudo da Linguística.

Saussure distingue dois tipos de Linguística, por ele chamados de Linguística interna e Linguística externa:

A externa “pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir apertada no torniquete dum sistema” (Saussure, 1995, p. 31), é a disciplina que se relaciona com outras disciplinas como, por exemplo, a História, a Geografia, a Filosofia, a Sociologia etc., procurando explicar os fatos da língua por meio de informações emprestadas dessas disciplinas.

Ainda para ele,

A Linguística interna, pelo contrário, se interessa apenas pelas relações internas da língua como sistema. Saussure ilustra a distinção entre os dois tipos de Linguística por meio da metáfora de um tabuleiro de xadrez, em que “nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno: o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras (Saussure, 1995, p. 32).

As principais teses elaboradas por Saussure, caracterizou sua importância para o surgimento da escola denominada Estruturalismo. O que causou também, que suas ideias, defendidas por Saussure foram consideradas inovadoras e provocaram reações de aceitação e também de rejeição, como era de esperar, obviamente todo ser pensante e estudioso ao decorrer de seus estudos possui dúvidas, contradições e

críticas, o que aconteceu com muitos de seus próprios alunos discordaram de seu modo de pensar e seguiram por caminhos teóricos diferentes do aprendido com o mestre.

O surgimento da teoria gerativa e sua importância na década da revolução cognitiva, mostrando que o estudo da linguagem humana que a linguagem é mais que um sistema de comunicação ou de interação, daí vem a era gerativista, onde se estuda questões além da fala e suas teorias que foram mais profundamente estudadas.

A revolução cognitiva se iniciou na década de 1950, como proposta interdisciplinar de estudar a mente e os processos a ela relacionados, como por exemplo a psicologia, a linguística, a ciência da computação, a antropologia, a filosofia e a neurociência. A linguagem humana era vista como um dos fatores sociais condicionados e sua aquisição dependia dos estímulos e respostas dos sujeitos na interação social.

A partir do momento em que um indivíduo faz o ato de fala; depois, ocorre a produção da própria fala e, por último, há os eventos práticos seguidos de ato de fala. Portanto denomina-se que temos os estímulos e as respostas aos estímulos, que serão estímulos para outras respostas.

Pensando assim, Costa (2016, p. 123) afirma que o distribucionalismo, como era chamado o estruturalismo norte-americano, pressupunha: que cada língua apresentava uma estrutura específica, pois fazia parte de uma comunidade de fala; que os níveis fonológico, morfológico e sintático evidenciavam essa estrutura; que as unidades de nível imediatamente inferior constituem a unidade seguinte; que a descrição de uma língua deve começar pelas unidades mais simples; que a posição estrutural linear da unidade linguística define a função da unidade; que, na descrição, é necessária absoluta objetividade; que o processo de combinação das unidades é guiada por leis próprias do sistema linguístico.

Outro estudioso, chamado Noam Chomsky lança as bases da teoria gerativa como uma proposta diferente, como concepção de língua natural quanto nos pressupostos teóricos defendidos por eles. Essa teoria procura descrever as línguas particulares e explicar abstratamente o funcionamento das formas linguísticas da linguagem.

Chomsky (2015, p. 17) afirma que “[...] uma língua é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada sentença sendo finita em extensão e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

Outro posicionamento do gerativismo, cujo cerne já se encontrava nas obras iniciais de Chomsky, é o fato de que o processo de combinação das unidades é guiado por leis universais, desconsiderando as particularidades das línguas, pois “a linguagem é um objeto natural, um componente da mente humana, representado fisicamente no cérebro e integrado ao patrimônio biológico da espécie. (Chomsky, 2018b, p. 1).

Quando Chomsky diz que a linguagem é um objeto natural, ele pressupõe que “se os humanos são parte do mundo natural e não seres sobrenaturais, então a inteligência humana tem seu escopo e seus limites determinados pelo design inicial.” (Chomsky, 2005, p. 195). Isso delega um ponto crucial e principal de que na teoria gerativa impõe que o homem é um ser biológico e os aspectos mentais, como linguagem, pensamento, percepção, memória e outros, são objetos naturais, onde não pode ser comparado uma análise sanguínea em laboratório por exemplo.

Partindo daqui, com essas sequencias básicas, de estudo tão amplo e complexo que é a área da Linguística, pegando o gancho para destacar a Sociolinguística, pois vem de uma sequência de raciocínio da relação da língua com indivíduo e a sociedade em que vive, a teoria Sociolinguística.

Diferentemente da proposta teórica de Saussure e Chomsky, postulavam uma concepção social da língua, fazendo uma breve fundamentação sobre o linguista francês Meillet (1866-1936) e dos linguistas russos Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975).

Antoine Meillet enfatizava, em seus textos, o caráter social e evolutivo da língua, Meillet foi discípulo de Saussure, mas, inspirado no sociólogo Durkheim, definia a língua como um fato social, enfatizando o caráter evolutivo da língua, diferentemente de Saussure.

Segundo ele, “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (Meillet, 1921 apud Calvet, 2002, p. 16). Como se pode notar nessa citação, do ponto de vista de Meillet, toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais.

Para comparar as ideias de Meillet e de Saussure, podemos dizer que Saussure opõe linguística interna (aquela que se ocupa estritamente da língua) e linguística externa (aquela que se ocupa das relações entre a língua e fatores extralinguísticos), e Meillet as associa.

Em suma, enquanto Saussure elabora um modelo abstrato da langue (sistema de signos), Meillet busca explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais. Já o linguista Nicholas Marr (linguista russo), propunha que todas as línguas do mundo têm uma mesma origem; as línguas são instrumento de poder e refletem a luta de classes sociais; as línguas são parte de uma superestrutura, passando por estágios de desenvolvimento de acordo com a base econômica de diferentes sociedades, ou seja, os estágios das línguas corresponderiam aos estágios da sociedade.

Pela visão de Bakhtin, as palavras não são neutras nem imutáveis: é no contexto real de uso da língua que determinada forma possui valor para o falante, sendo, nesse caso, um signo variável e flexível.

É bastante elucidativa a seguinte afirmação de Bakhtin (1988 [1929], p. 147): “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”.

A partir daí, podemos dizer que foi no início do século XX que começaram a surgir ideias e estudos de que a linguagem ficou conhecida como Sociolinguística. Assim é que, a partir da década de 1960, como herança de Meillet, volta a ganhar força a noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada pela mudança social, por forças externas, portanto.

E como herança de Bakhtin se renova a perspectiva de que a língua é um fenômeno social cuja natureza é ideológica. Como já acentuamos anteriormente, o foco deste livro é a Sociolinguística laboviana, abordagem que se ancora, historicamente, nas ideias de Meillet.

A sociologia resulta na chamada sociologia da linguagem – área que investiga a interação entre estes dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social do comportamento, ou seja, a organização social do comportamento linguístico, seja em termos de usos, seja em termos de atitudes em relação à língua e aos usuários. As duas abordagens teóricas de maior projeção na linguística, pelo menos até a década de 1960, foram o estruturalismo e o gerativismo.

A estruturalista de língua de Ferdinand de Saussure fez muito no sentido de elevar a linguística à posição de campo científico pleno, com objeto e método definidos. Chomsky sofisticou ainda mais os objetivos dessa ciência ao propor que a faculdade da linguagem é um componente universal e inato da espécie humana, cujas

regras poderiam ser descritas a partir da análise das construções gramaticais (aceitáveis) de línguas diversas.

O linguista William Labov, questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas. Em seu livro *Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic Patterns, 1972)*, Labov apresenta os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem dessa nova proposta.

Labov critica os seguintes aspectos em Saussure:

Como todos os falantes possuem um conhecimento da *langue* (que é a parte social da linguagem), é possível estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo.

Os fatos linguísticos são explicados através de outros fatos linguísticos. Trata-se do princípio da imanência. Em outras palavras, tudo o que acontece na língua é motivado e explicado por meio da própria estrutura da língua, pela atuação de forças internas, sem influência de nenhuma força externa;

A fala só opera sobre um estado de língua e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm nesse ou em nenhum lugar. O primeiro aspecto (estado de língua) constitui a realidade verdadeira e única. Os fatos evolutivos (diacrônicos) não são percebidos pela massa falante e não fazem parte do sistema da língua, que é estático.

A Sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla.

A partir da inserção da Sociolinguística no quadro mais amplo de interesses da linguística, fica atestada a íntima relação que existe entre língua e sociedade. E é por causa dessa constatação de que o estudo da língua não pode prescindir, até certo ponto, do da sociedade – que o acúmulo em teoria e em pesquisas da Sociolinguística pode nos ajudar a compreender melhor um fenômeno social: o preconceito linguístico.

Segundo Labov, “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando

encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 2008 [1972], p. 225).

William Labov "apresentou uma metodologia, tendo como objeto de estudo a fala, observando seu contexto e indicando ser possível sistematizar o aparente caos linguístico" (Salgado; Soares, 2009, p. 96).

Nesse contexto surge a Teoria da Variação Linguística cuja principal constatação é que a língua não é homogênea. Assim, existem diversas variedades em um mesmo idioma. Segundo William Labov, o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente a comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de 'heterogeneidade sistemática', fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O objeto primário de interesse para os sociolinguistas é a comunidade da fala.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

CARVALHO, Ivan da Costa; BARBOSA, José Roberto Alves. **Teorias linguísticas: Orientações para a pesquisa**. Mossoró: EdUFERSA, 2021.159.

CHOMSKY, Noam. **Estrutura sintática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Que tipo de criatura somos nós?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a. 175 p.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Unesp, 2005. 343 p.

COSTA, Marcos Antonio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 123-126.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.